



# A guerra da Rússia contra a Ucrânia: Histórica Cíclica vs. Geografia Fatal

Volodymyr Kravchenko

*Professor do Department of History, Classics and Religio da Universidade de Alberta e diretor do Programa de Estudos Contemporâneos da Ucrânia no Instituto Canadense de Estudos Ucrânicos (CIUS) da Universidade de Alberta. É autor de mais de 180 publicações sobre história moderna e historiografia da Ucrânia.*

Traduzido por Guilherme Bianchi

A história parece estar se repetindo, não como farsa, mas como mais uma tragédia. A história revela muitas de suas forças motrizes em pontos de virada. Aqueles capazes perceber essas forças tem a oportunidade de repensar o passado por uma perspectiva diferente. A guerra russo-ucraniana em curso é um desses eventos fatídicos. Eu estou confiante de que terá início um novo capítulo não só da história, mas também da historiografia das relações ucraniano-russas. Historiadores geralmente se sentem mais confortáveis quando mantêm distância de seus objetos de estudo. Eu não tenho tal distância. Sou um observador profundamente envolvido. Quando este ensaio for publicado, o leitor estará mais bem informado do que o autor sobre o curso dos eventos na Ucrânia. No entanto, embora muitos detalhes e aspectos da guerra permaneçam nas sombras, tenho um forte sentimento de *déjà vu*, em particular quando se trata da Rússia.

Tibor Szamuely enfatizou uma vez: “De todos os fardos que a Rússia teve que suportar, o mais pesado e implacável de todos tem sido o peso de seu passado”.<sup>1</sup> O fardo é pesado, de fato, porque a história russa é cíclica. Continuamente, a Rússia reproduz padrões semelhantes de vida política, social e cultural que cresceram a partir da antiga matriz bizantina. Durante momentos de turbulência, uma fina camada de polimento ocidental descasca o rosto russo, e ela se volta para a Europa com sua “face asiática”, como colocou Aleksandr Blok em 1918.<sup>2</sup> É quando a Rússia verdadeira e profunda (*glubinnaia*) se revela na carcaça sombria do Czarismo Moscovita.

A Rússia “profunda” nunca foi e nunca será parte da Europa. Ela sempre foi um “estado de guarnição”, uma cidadela da Ortodoxia, que permaneceu em um estado de guerra permanente, tanto em suas fronteiras quanto além delas. É para esta Rússia que Putin apela quando chama seus súditos para desmascarar “traidores nacionais” culpados de olhar para o Ocidente. Tal retórica xenofóbica no mais alto nível político não foi ouvida

---

<sup>1</sup> Citado em Stefan Hedlund. *Russian Path Dependence: A People with a Troubled History*. Routledge, 2005., p. 267

<sup>2</sup> Alexandr Blok. *Polnoe sobranie sochninenii i pisem v 20 tomakh*. Vol. 5: *Stikhotvoreniia i poemy (1917-1921)*. Nauka, 1997, p. 79

desde a campanha de Stalin contra os “cosmopolitas sem raízes” (*bezrodniy kosmopolit*). No entanto, não é difícil encontrar paroxismos de ódio antiocidental em cada época da história da Rússia. A estrutura da história russa não mudou desde a Idade Média. O mesmo se pode dizer do método russo de guerra, que sempre se distinguiu pela total brutalidade, cinismo e falta de humanidade.

“Os russos querem guerra?” Sessenta anos atrás, era uma pergunta retórica colocada no título de uma canção popular escrita pelo poeta soviético Yevgeny Yevtushenko. Hoje, tornou-se óbvio que sim. Na Rússia de hoje, mais de 60% dos cidadãos aprovam a guerra iniciada por seu possessivo ditador e se sentem orgulhosos dele.<sup>3</sup> Entre eles estão mais de 260 reitores de universidades russas, incluindo a Escola Superior de Economia, o Instituto Estadual de Relações Internacionais de Moscou, a Universidade Estatal Russa de Humanidades, bem como as universidades de São Petersburgo e Moscou.<sup>4</sup> Essas instituições de alto escalão e supostamente *Western-oriented* estão agora se transformando em bastiões do chauvinismo imperial. Não é difícil imaginar que tipo de alunos elas irão produzir. Dentro da “fortaleza sitiada”, estruturada de alto a baixo, não há necessidade de sociedade civil e dignidade pessoal.

De modo característicos, os russos não podem chamar uma guerra de guerra. Se fizer isso, um cidadão russo pode ser preso por quinze anos.<sup>5</sup> Em vez disso, a invasão é simplesmente negada no mais alto nível oficial. A agressão russa e os crimes de guerra são apresentados como pacificação. A propaganda oficial está saturada com a retórica da paz. O deslocamento forçado de civis ao longo do corredor de estepes da Eurásia é explicado pela necessidade de protegê-los. George Orwell poderia mudar o título de seu romance mundialmente famoso de 1984 para 2022; sua distopia agora pertence ao gênero realista.

---

<sup>3</sup> “Nezavisimye sotsiologi: 71% rossiian ispytyvaet gordost' iz-za voyny s Ukrainoi.” Radio Svoboda, 17 Mar. 2022, <https://www.svoboda.org/a/nezavisimye-sotsiologi-71-rossiyan-ispytyvaet-gordostj-iz-za-voynys-ukrainoy/31757535.html>. Acessado em 23 Mar. 2022.

<sup>4</sup> “Obrashchenie Rossiiskogo Soiuza rektorov.” Rossiiskii Soiuz rektorov, 4 Mar. 2022, <https://www.rsr-online.ru/news/2022-god/obrashchenie-rossiyskogo-soyuza-rektorov1/>. Acessado em 24 Mar. 2022.

<sup>5</sup> “Russia Criminalizes Independent War Reporting, Anti-War Protests.” Human Rights Watch, 7 Mar. 2022, <https://www.hrw.org/news/2022/03/07/russia-criminalizes-independent-war-reporting-anti-war-protests>. Acessado em 24 Mar. 2022.

O fluxo contínuo de mentiras oficiais acompanhando a “operação militar pacífica” na sua forma mais absurda e grotesca não pode ser explicada apenas pela necessidade militar. A Rússia “profunda” foi separada do resto do mundo desde tempos imemoriais por um sistema profundamente enraizado de valores, normas e cultura sociopolítica.

Não se pode negar os motivos geopolíticos por trás da invasão russa: em termos de dominação imperial do século passado, um país que controla a Ucrânia controla toda a fronteira leste europeia. No entanto, esta guerra pode ser mais bem compreendida em termos nacionais e não geopolíticos. Em paralelo com a guerra real, quente, há uma guerra simbólica em curso entre discursos de identidade russos e ucranianos. Ambos os países se esforçaram para “nacionalizar” seu legado histórico comum e dividir seu espaço simbólico. Nessa corrida dos dois maiores sucessores da União Soviética, a Rússia parece estar significativamente à frente da Ucrânia no caminho de uma de-sovietização e na busca de um novo consenso nacional. A principal razão para isso é que a Rússia e a Ucrânia avançaram em direções divergentes no caminho da construção do Estado-nação.

A construção da nação russa permanece orientada para o passado. Como uma combinação casual de blocos de construção soviéticos e imperiais. Quando Putin derrama lágrimas de crocodilo sobre a dissolução da União Soviética, ele deliberadamente evita a questão sobre quem foi supostamente o responsável por tal dissolução. A resposta, acredito, é óbvia. Não foi nem a pequena Estônia nem a pequena Geórgia, nem mesmo a relutante Ucrânia. Não foi nem mesmo o Ocidente, que foi incapaz de prever o curso desses eventos. A União Soviética foi desmantelada pela mesma força que a criou, ou seja, a Rússia. Ninguém mais foi capaz de alcançá-la. Isso significa que, a longo prazo, a União Soviética não estava se desviando, nem interrompendo o desenvolvimento histórico russo. Começando por Stalin, a União Soviética transformou-se em uma nova versão do Império Russo. Não é à toa que velhos símbolos imperiais têm uma nova vida na Rússia de Putin.

Foi na década de 1830, durante o reinado de Nicolau I, o Imperador, quando o Conde Sergei Uvarov, vice-ministro da Educação Popular, articulou a fórmula trina da identidade coletiva russa. As elites russas pós-soviéticas simplesmente adotaram isso.

Segundo Uvarov, existem três pilares da russianidade: ortodoxia, autocracia e o místico “*narodnost*”, para o qual não há equivalente em inglês. Na maioria das vezes, “*narodnost*” foi traduzido como “nacionalidade”, mas significa mais que isso. O termo abarcava aspectos étnicos, sociais e religiosos da Rússia, cujo espaço simbólico incluía muitas variações locais, desde os Grandes Russos e Russos Brancos até os Pequenos Russos. Hoje, o termo russo “*narodnost*” permanece tão obscuro e inerentemente não-secular quanto era há quase duzentos anos atrás.

Na percepção de Putin, qualquer um que fale russo e supostamente compartilhe valores tradicionais russos, bem como uma imagem histórica comum, é considerado parte do *Volk* russo. Portanto, eles devem ser protegidos não importa em que país vivam. É como se qualquer um que falasse inglês fosse automaticamente considerado um súdito da Rainha. A Igreja Ortodoxa Russa, que sempre foi uma extensão do Estado, forneceu ao Kremlin a doutrina geocultural do projeto do Mundo Russo (“*ruskii mir*”). Como entidade espiritual, isso é muito semelhante, como notou Mykola Riabchuk, à versão radical da Ummah muçulmana, uma comunidade supranacional de “verdadeiros crentes” ligados por ancestralidade comum e travando uma guerra santa contra o “podre” Ocidente. De acordo com o piedoso Putin, no caso de um conflito nuclear, os inimigos ocidentais “vão morrer, mas nós [russos] chegaremos ao céu como mártires”. Nem Osama Bin Laden poderia ter dito melhor.

Não há lugar para “Ucrânia” no “Mundo Russo.” Esse lugar é reservado para a “Pequena Rússia.” Historicamente, a Pequena Rússia é um fenômeno interessante que permanece subestimado na literatura contemporânea. Não foi apenas uma designação pejorativa imposta à Ucrânia pelos censores russos, como muitos historiadores continuam acreditando.<sup>6</sup> Em termos (geo)políticos, foi um compromisso com a Rússia, alcançado pelas elites cossacas locais quando perderam a luta por soberania nacional. Em termos de identidade, a ideia da Pequena Rússia como parte central do mundo russo-eslavo foi promovida por monges ortodoxos radicados em Kiev em sua confrontação com

---

<sup>6</sup> Kravchenko, Volodymyr. *The Ukrainian-Russian Borderland: History vs Geography*, McGill-Queen's UP, 2022, p. 47-78.

o catolicismo. No “longo” século XIX, o discurso da Pequena Rússia foi reimaginado em termos de etnia por Nikolai Gogol e muitos de seus seguidores e imitadores. Como tal, a imagem tornou-se profundamente incorporada no discurso imperial russo da identidade. Qualquer um que queira entender a natureza do pequeno-russismo deve ter um olhar atento ao seu atual equivalente bielorrusso.

O discurso ucraniano de identidade, que apareceu em meados do século XIX graças a Taras Shevchenko e um pequeno número de seguidores, era diferente de seu predecessor “pequeno russo”. O primeiro foi secular e moderno, o último arcaico. O primeiro falava uma língua diferente e considerava-se parte do mundo europeu e não do russo. Desde o início, o discurso ucraniano de identidade era social e politicamente orientado. Mais tarde, tomou a forma de um movimento nacional para a criação de um Estado independente com fronteiras estritamente definidas. O discurso nacional ucraniano foi algo tão incomum, e sua aparência tão inesperada, que nacionalistas imperiais e ortodoxos russos o atribuíram a uma conspiração estrangeira anti-Rússia. Na vida real, no entanto, todos os principais ativistas do movimento nacional ucraniano, de Taras Shevchenko e Mykhailo Drahomanov a Mykhailo Hrushevs'kyi e Dmytro Dontsov, eram produtos da educação moderna russa. Só podemos nos surpreender que a mesma educação não tenha produzido um grupo de intelectuais russos capazes de criar um discurso moderno de identidade russa no lugar da tríade de Uvarov.

O dualismo pequenos-russos/ucranianos penetrou e informou a história moderna da Ucrânia. Esse dualismo foi descrito vividamente por Volodymyr Vynnychenko, Mykola Khvyly'ovyi e, recentemente, Mykola Riabchuk. A Ucrânia soviética herdou esses dois discursos de identidade, mas cultivou e promoveu apenas um deles enquanto suprimia o outro. Não é difícil adivinhar qual foi suprimido. A rivalidade desses dois discursos pode ser considerada o principal obstáculo à reidentificação pós-soviética da Ucrânia. Foram necessárias três revoluções para consolidar os ucranianos multiétnicos, multiconfessionais e bilíngues em torno da ideia de uma nação política orientada para o futuro, e não para o passado. Um novo consenso nacional surgiu na Ucrânia depois de

2014. Na minha opinião, foi o presidente russo Putin quem muito acelerou essa direção específica da construção do Estado-nação ucraniano.

Não acredito no gênio estratégico de Putin. Ele era um agente comum, um funcionário sem rosto na máquina burocrática da KGB, que de repente foi elevado ao status de Líder Supremo pelo capricho da história. Em se tratando da Ucrânia, o conhecimento de Putin parece ser fragmentário e às vezes até primitivo. Durante seus anos de formação no ensino médio, Putin provavelmente foi ensinado sobre a República Socialista Soviética da Ucrânia, mas ele a considerava apenas uma província da Mãe Rússia. Quando a União Soviética deixou de existir, Putin substituiu facilmente o comunismo em ruínas pelo nacionalismo imperial da Rússia e o fundamentalismo ortodoxo para cobrir atividades empresariais mafiosas. Ao contrário de seu antecessor, Boris Iel'tsin, que admitiu publicamente não saber o que fazer com a Ucrânia, Putin não se preocupou em buscar uma resposta para uma pergunta tão “simples”. A resposta veio pronta em panfletos anti-ucranianos produzidos pelos nacionalistas imperiais russos das épocas pré-soviéticas e da Guerra Fria.

Putin é um imitador. Ele parece estar determinado a “resolver a questão ucraniana de uma vez por todas” seguindo os passos de seus predecessores da era imperial, chauvinistas imperiais russos e fundamentalistas ortodoxos. Durante a Primeira Guerra Mundial, o ministro russo das Relações Exteriores, Sergei Sazonov, proclamou: “Agora é exatamente o momento certo para nos livrarmos do movimento ucraniano de uma vez por todas”.<sup>7</sup> Se Putin tivesse aprendido com a história, ele continuaria a jogar o jogo soviético da “Pequena Rússia” contra a “Ucrânia” nacional. Em vez disso, a atitude arrogante e condescendente de Putin em relação à Ucrânia substituiu cálculos políticos por ambições pessoais. Qualquer um podia ver o rosto de Putin se contorcendo de ódio ao anunciar sua decisão de lançar uma invasão à Ucrânia. A reputação de Putin sofreu não uma, mas duas vezes – em 2004 e 2014 — durante as revoluções ucranianas pró-europeias. Seu apoio público ao político ucraniano corrupto com antecedentes criminais,

---

<sup>7</sup> Citado em Subtelny, Orest, *Ukraine: A History*. 4th ed., U, of Toronto Press, 2009.



Viktor Ianukovych, não o ajudou a permanecer no poder. Em vez disso, a inépcia política fez de Putin um objeto de piadas. Qualquer ditador tem medo de parecer ridículo, e o Putin vingativo e ressentido não é exceção.

A política insolente e provocativa de Putin no território pós-soviético tornou-se possível porque o mundo reconheceu tacitamente seu direito a tal comportamento. As potências ocidentais demonstraram a mesma inércia de pensamento que as levou à infame política de apaziguar a Alemanha entre as duas guerras mundiais. A Alemanha, mesmo sob a liderança de um maníaco nacionalista, parecia ser um melhor garantidor de estabilidade política a leste do rio Elba do que os recém-estabelecidos Estados-nação do Leste Europeu. Depois de 1991, as potências ocidentais perceberam o espaço geopolítico pós-soviético de maneira semelhante. Por um lado, havia a Rússia tradicional, um pouco excêntrica, mas familiar. Do outro lado, uma coleção de novos países dos quais nunca se havia ouvido falar, com nomes impronunciáveis e políticas imprevisíveis.

A anexação da Crimeia por Putin em 2014 tornou-se possível devido à inércia ocidental e à fraqueza do Estado ucraniano. No entanto, a anexação também iniciou o processo de crescente isolamento internacional da Rússia. Ninguém no mundo reconheceu a legitimidade da anexação, exceto por vários regimes políticos odiosos. O projeto “*Novorossia*”, destinado a transformar regiões do sudeste da Ucrânia em um enclave semi-independente sob controle russo, foi um desastre político. Demonstrou tanto a falta de imaginação quanto o pobre conhecimento da história e da realidade. As decisões de separar da Ucrânia parte do profundamente soviético e russificado Donbas de maneira forçada, de manter as elites corruptas no poder por oito anos e de legitimar sua falsa “independência” como pretexto para a invasão parecia mais uma sequência de improvisações do que uma estratégia.

Hoje, as forças russas atacam precisamente as cidades fronteiriças ucranianas cujos cidadãos predominantemente russófonos até recentemente expressaram simpatias pró-russas e pró-soviéticas. Agora, muitos deles se transformaram em ucranianos de língua russa que odeiam Putin e seus vilões. Putin está matando civis e soldados de língua russa e ucraniana. Ele está tentando tirar o máximo possível da Ucrânia e destruir tudo o



que resta. De fato, um “grande estrategista político” está destruindo o legado histórico comum ucraniano-russo em vez de aproveitá-lo. Se a aventura da Crimeia/Donbas atingiu o legado soviético ucraniano, então a guerra atual atinge o coração do “Mundo Russo”. Muitos antigos “pequenos russos” soviéticos que rotineiramente celebravam o Dia do Exército e da Marinha Soviéticos em 23 de fevereiro foram despertados no dia seguinte pelo bombardeio russo.

Muitos deles não resistiram a uma analogia histórica. A invasão nazista da União Soviética em 1941 começou com o bombardeio de Kyiv. Poucos dias após o ataque nazista, um autor russo soviético escreveu uma música que ganhou popularidade sem precedentes e se tornou o cartão de visita da geração soviética em tempo de guerra: “Em 22 de junho / Precisamente às quatro horas / Kyiv foi bombardeada, e nos disseram / Que a guerra havia começado” (“Dvadsat' vtorogoiunia”). Hoje, essas palavras soam como se tivessem sido escritas na esteira da invasão russa contemporânea. Isso significa que o discurso soviético da “Grande Guerra Patriótica”, que se tornou o principal fundamento da política de identidade pós-soviética russa, agora está adquirindo cores e raízes nacionais ucranianas enquanto a atual guerra russa está se transformando em jihad.

O fato de a história russa se repetir torna possível prever sua próxima virada. Muitas pessoas em todo o mundo leram *Den' oprichnika* (*Dia do Oprichnik*, 2006), de Vladimir Sorokin, um romance que descreve a Rússia no ano de 2028 como um regime ditatorial teocrático dirigido por esquadrões da morte. Talvez alguns leitores se lembrem da distopia satírica *Moskva 2042* (Moscou 2042), escrita por Vladimir Voinovich em 1986, na qual é descrito um regime semelhante criado pelo Partido Comunista, oficiais da KGB e a Igreja Ortodoxa Russa. Parece que esses dois escritores foram muito otimistas quando colocaram sua Rússia em um futuro distante. O futuro que eles previram veio mais cedo, graças a outro Vladimir, cujo escritório principal está localizado não muito longe do mausoléu de Vladimir Lenin e do monumento a Volodymyr, o Batista. Resta saber qual dessas formas de sacralização monumental será escolhida para o atual ocupante do Kremlin.

Se a Ucrânia passar em seu teste final de maturidade nacional e política, seu futuro será mais promissor do que o futuro russo, simplesmente porque a Ucrânia está muito mais perto do que a Rússia de sair do círculo vicioso da história. A geografia “fatal” também parece estar perdendo o controle sobre o futuro ucraniano. O quadrado geopolítico da Polônia, Turquia, Rússia e Europa, que isolou a Ucrânia do mundo exterior por muitos anos, aparece hoje de forma diferente. Nenhum dos poderosos vizinhos da Ucrânia, exceto a Rússia, está reivindicando terras ucranianas. Com a transformação da Rússia de “irmão mais velho” da Ucrânia em inimigo mortal, a área fronteira entre Ucrânia e Rússia está encolhendo para uma fronteira real. A Ucrânia agora tem o incentivo para avançar no caminho da construção do Estado-nação e alcançar um novo consenso nacional sobre as questões do legado histórico, idioma e símbolos de identidade. É importante que a construção do Estado-nação ucraniano continue na forma de um diálogo entre as elites políticas e a sociedade civil. Um novo contrato social não é menos importante do que a questão da identidade. Mas primeiro, a Ucrânia deve sobreviver.